

POP SAMBA: A INVENÇÃO DE UM MODELO DE CUIDADO EM REDE VOLTADO À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Pop Samba: The creation of a network-based care model for the homeless population

Pop Samba: La creación de un modelo de cuidado en red dirigido a los habitantes de calle

Diogo Gallindo Cursino¹
ORCID: 0009-0005-4301-8723

Luiza Santiago Monteiro²
ORCID 0009-0009-1405-6607

Resumo - O aumento da População em Situação de Rua (PSR) nos últimos anos, no Brasil, é um problema complexo que demanda a criação de práticas inovadoras no campo da saúde pública. Este trabalho traz um relato de experiência musicoterapêutica sobre o POP Samba, projeto que adota o samba como modelo de cuidado à PSR. O artigo reflete sobre as diretrizes da ação, pautada na reforma psiquiátrica e na Musicoterapia Social e Comunitária, destacando o papel central da musicoterapia na iniciativa. Com a discussão apresentada, esperamos inspirar a criação de mais modelos de cuidado que contemplem a integração entre arte e saúde, sobretudo a populações marginalizadas.

Palavras-chave: musicoterapia social e comunitária, população em situação de rua, reforma psiquiátrica, samba.

Abstract - The increase of homeless population in Brazil in recent years is a complex issue that demands the development of innovative practices in public health. This paper presents a music therapy experience report on the POP Samba project, which adopts samba as a care model for this population. This article reflects on the guidelines of the initiative, grounded in psychiatric reform and Social and Community Music Therapy, highlighting the central role of music therapy in the project. Through this discussion, we aim to inspire the creation of new care models that integrate art and health, especially for marginalized populations.

Keywords: social and community music therapy, homeless population, psychiatric reform, samba

Resumen - El aumento de las personas en situación de calle en los últimos años en Brasil es un problema complejo que exige la creación de prácticas innovadoras en el ámbito de la salud pública. Este trabajo presenta un relato de experiencia musicoterapéutica sobre el proyecto POP Samba, que adopta el samba como modelo de cuidado para los habitantes de calle. El artículo reflexiona sobre las directrices de la acción, basada en la reforma psiquiátrica y en la Musicoterapia Social y Comunitaria, destacando el papel central de la musicoterapia en la iniciativa. Con la discusión presentada, se espera inspirar la creación de nuevos modelos de cuidado que integren arte y salud, especialmente dirigidos a poblaciones marginadas.

Palabra clave: musicoterapia social y comunitaria, habitantes de calle, reforma psiquiátrica, samba

1 Musicoterapeuta (UFRJ) e bacharel em Comunicação Social (ESPM-RJ).
<http://lattes.cnpq.br/0680526925043750>. e-mail: diogogallindoc@gmail.com

2 Psicóloga (PUC-Rio) e Musicoterapeuta (especialização pelo CBM),
<http://lattes.cnpq.br/1926253947234663>. e-mail: lusamo@gmail.com

Introdução

Ao longo da última década, a População em Situação de Rua (PSR) vem aumentando a taxas alarmantes no Brasil. De acordo com um levantamento realizado pelo Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (OBPopRua/POLOS-UFGM), há 327.925 pessoas em situação de rua no país. De 2013 a 2024, o crescimento desse segmento vulnerável foi de 1431%, motivado pela ausência e/ou deficiência de políticas públicas, principalmente de moradia, pelo agravamento da extrema pobreza, pela precarização das condições de trabalho e pelo desemprego (Polos de Cidadania UFGM, 2025).

Em 2022, 7.865 pessoas viviam esta realidade na cidade do Rio de Janeiro, segundo o último censo realizado pela Prefeitura do Rio. O perfil dessas pessoas tinha uma característica bem definida: 82% eram homens e 84% eram pretos e pardos, com baixa escolaridade (64% possuíam ensino fundamental incompleto). A maioria tinha idade entre 31 e 49 anos e 1.227 delas eram dependentes químicos. Do número total de pessoas em situação de rua, 1.382 se concentravam na Zona Sul da cidade (Correia, 2023).

De acordo com o Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), a PSR é caracterizada como um

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (Brasil, 2009)

Tendo em vista o crescente número de pessoas em situação de rua no país, é essencial pensar em políticas públicas de saúde voltadas a essa população. Sabe-se que ela não tem o acesso garantido ao que lhe é de direito. Mesmo dentro do SUS, que foi criado para atender a todos, equipes vivem desafios cotidianos sobre como melhor atender essa população que vive de forma errante, no sentido de não se encaixar nos protocolos e burocracias comuns, tais como horários marcados, tempo de espera e a permanência no mesmo local para poder dar seguimento a alguns cuidados de saúde.

Além desse funcionamento que muitas vezes foge às normas sociais, a PSR também sofre preconceito dentro das unidades de saúde, nas quais profissionais frequentemente se negam ao atendimento, colocam empecilhos ou tem um trato preconceituoso, o que impede o cuidado. O excesso de burocracias e documentações exigidas nas unidades muitas vezes também dificulta o acesso desta população (Paiva et al.,2016).

Este cenário aponta para a urgência e carência de cuidado a esta população em diversas esferas. Assim, em 2023, o projeto POP Samba foi criado com o objetivo de propor um novo modelo de cuidado à PSR da Zona Sul do RJ, através do samba. Na iniciativa, a musicoterapia assume um papel de protagonismo junto às demais especialidades de saúde e assistência social.

Na musicoterapia brasileira, há poucos exemplos documentados de ações voltadas para esse público. Destacam-se o trabalho de Arndt, Cunha e Volpi (2016), inserido no âmbito da musicoterapia social e comunitária, assim como a tese de Pinto (2007) e a dissertação de Cunha (2003). Nestes escritos, o samba surge como expressão sonora-musical dos pacientes atendidos, em meio a outros gêneros, porém não é o foco das intervenções musicoterápicas.

Quanto a um trabalho específico com o samba, cabe citar o Samba de Crack, que a musicoterapeuta Cristiana Brasil realizava com pessoas que circulavam em uma cena de uso na Zona Norte do RJ, nos anos 2010. Já na esfera da assistência social, iniciativas recentes das prefeituras de Londrina (França, 2021) e de Petrópolis (Prefeitura Petrópolis, 2021) usavam o samba como forma de acessar e acolher a PSR destas cidades.

Uma das principais características da PSR é a transitoriedade³, portanto, adotamos um modelo de cuidado que atua diretamente no território e que atende prontamente a 3 direitos fundamentais básicos: cidadania, cultura e saúde. O POP Samba baseia-se nos fundamentos da reforma psiquiátrica tendo como principais diretrizes: a política de redução de danos; cuidado em liberdade; cuidado territorial; inserção social da loucura; protagonismo dos usuários.

3 Por transitoriedade, consideramos tanto o aspecto espacial/geográfico (uma vez que a PSR é um grupo social que possui características migratórias e está em constante trânsito) quanto o fato de que o fenômeno da PSR diz respeito não a uma condição permanente, mas a uma situação, relativa ao modo como os sujeitos estabelecem suas relações com as ruas (Belo Horizonte, 2021, p. 19). É nesse sentido que a diretriz do trabalho se volta para uma atuação direta no território.

A partir do relato de experiência dos autores como musicoterapeutas da ação, o artigo pretende problematizar o cuidado em saúde à PSR e discutir o POP Samba. Para abordar as potencialidades da PSR e as características de um trabalho realizado nas ruas, partiremos do conceito da “epistemologia das macumbas” de Simas e Rufino (2018). Para discutir o cuidado em saúde, tomaremos como referencial as diretrizes do SUS e da reforma psiquiátrica (Amarante & Torre, 2017). Já como referencial teórico para as intervenções musicoterapêuticas do projeto, nos apoiaremos na Musicoterapia Social e Comunitária (Arndt, Cunha & Volpi, 2016; Arndt & Maheirie, 2017; Arndt & Maheirie, 2019).

O POP Samba

O POP Samba surgiu em julho de 2023, como uma ação regular mensal, que acontece toda penúltima quarta-feira do mês e envolve diferentes serviços de saúde, saúde mental e assistência social que atendem os bairros de Botafogo, Laranjeiras, Cosme Velho, Flamengo e Catete, na cidade do Rio de Janeiro. Desta forma, buscamos garantir o cuidado no território e em liberdade, além de promover o cuidado intersetorial.

Entre as ações realizadas estão: a roda de samba, composta pela PSR, profissionais de saúde, usuários dos serviços envolvidos, transeuntes e agentes da cultura convidados (com a presença de blocos de carnaval em algumas edições); acolhimento institucional; atendimento social; vacinação e orientações em saúde; emissão de documentos; distribuição de água e lanche; distribuição de roupas, preservativos e kits de higiene.

Grande parte dos participantes do projeto já possui algum tipo de vínculo com o CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social) e o CNaR (Consultório na Rua) e são assistidos, em maior ou menor grau, pelos profissionais destes serviços. Mesmo quem ainda não é atendido por nenhum dos serviços tem a chance de acessá-los e construir vínculo com eles. Vimos que, por meio do samba, as pessoas ficam mais receptivas ao cuidado. As edições do POP Samba são, portanto, oportunidades de fazer um acompanhamento dos casos compartilhados entre os serviços, fortalecer ou restabelecer vínculos entre usuário-instituição.

Desde o início, percebemos que aprofundar o vínculo com a PSR seria um grande desafio. Ainda que os dispositivos públicos envolvidos sejam essenciais para a promoção de cidadania e saúde a uma população vulnerabilizada, eles se constituem como braços do Estado, que também exclui, violenta e mata esses indivíduos, às vezes com mais frequência do que os beneficia. Sendo assim, como, através de aparelhos do Estado, alcançar e sensibilizar sujeitos para quem o mesmo é algoz?

No cenário brasileiro, há um projeto político que visa o enfraquecimento das políticas públicas na área econômica e social e a intensificação da intervenção policial e encarceramento da população pobre e negra, como apontam Garcia et al. (2023, p. 188). Os autores evidenciam o “racismo estrutural e a desigualdade no acesso à educação, ao trabalho e à proteção social existente em nosso país” (p. 196).

Diante desse contexto, o samba se constituiu em uma manifestação cultural produtora de sociabilidades da população negra e periférica desde o período do pós-abolição da escravatura, no fim do século XIX. Desde as casas das tias baianas na Pequena África até as agremiações que vieram a se tornar as grandes escolas de samba, ele é uma “instituição associativa de invenção, construção, dinamização e manutenção de identidades comunitárias, redefinidas no Brasil a partir da fragmentação que a diáspora negreira impôs” (Simas & Rufino, 2018, p. 61). O samba é ferramenta de invenção da vida, por isso foi escolhido como o principal dispositivo de cuidado do projeto.

Assim, como ação voltada para a saúde da população negra, o POP Samba reforça a necessidade de que nós, enquanto profissionais de saúde pública, precisamos combater o racismo e contribuir para a criação de políticas públicas nesta direção. O Estado deve garantir essas vidas e não exterminá-las.

O POP Samba tem o intuito de trazer visibilidade à PSR, pois além de ofertar cuidados básicos em saúde e assistência, revela suas potencialidades a partir da música, sendo uma ferramenta política de transformação do olhar social sobre essa população a partir do protagonismo destes na roda. Na mão da reforma psiquiátrica, trabalhamos a integração social em uma praça de um bairro nobre da Zona Sul. O local escolhido inicialmente para a ação foi o Largo do Machado, porém, devido a tensionamentos no território, com críticas de que estaríamos perturbando a ordem social, mudamos para a Praça São Salvador, em Laranjeiras. Com o tempo, a constância da iniciativa e a

proximidade com o CREAS nos permitiu criar um certo vínculo com os usuários e, ao que parece, uma espécie de porto seguro para eles, já que passavam a esperar e se organizar para as edições seguintes.

Indo além, o POP Samba também contempla ações de redução de danos, uma vez que a roda é um local de afirmação da vida, um espaço onde o fazer musical é uma oferta a outra coisa que não o uso desenfreado de substâncias. Esse uso é acolhido na perspectiva de uma intervenção em saúde, que engloba desde ações mais imediatas como a oferta de água e lanche para reduzir os efeitos da intoxicação por álcool e/ou substâncias, como também a escuta qualificada dos profissionais de saúde mental que podem encaminhar o usuário para os serviços especializados como o CAPS e/ou CAPS AD⁴ presentes na ação e pactuar a continuidade do cuidado de diversas formas.

A Roda: Lugar de Encontros

*A roda é pra rodar na gira
Da vida que roda
Olha a roda, olha a roda
Roda Ciranda (Martininho da Vila, 1985)*

O círculo é uma imagem presente na cosmovisão de diversas sociedades africanas e afrodiaspóricas “como ordem que representa o movimento contínuo” (Oliveira, 2022, p. 2). A circularidade africana é uma perspectiva de mundo. Como diz o filósofo e músico Tiganá Santana, “a roda é um modo de pensar” (Terça Afro, 2020). É nessa direção, que rompe com a racionalidade do pensamento moderno ocidental, que Simas e Rufino (2018) cunham o termo “epistemologia das macumbas”.

Enquanto “epistemologia” se refere ao campo da filosofia, que se ocupa das produções de conhecimento (Simas & Rufino, p. 14), o conceito proposto pelos autores diz respeito a uma amálgama de saberes advindos das manifestações religiosas e culturais de matriz africana e dos povos originários brasileiros, a partir dos quais se busca transgredir com a estrutura de saber colonial hegemônica e afirmar a potência das práticas de conhecimento desses outros grupos historicamente subalternizados (Simas & Rufino, 2018, p. 14).

4 Siglas para: Centro de Atenção Psicossocial e Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas.

Ao subverterem o sentido pejorativo da palavra “macumba” (que muito se nota nos discursos do saber dominante), os autores nos convidam a reconhecer a pluralidade de maneiras de encarar e inventar o mundo, em gramáticas que vão além do que se pensa, se lê ou se fala e passam também pelo que se dança, se toca, se planta, se come, se incorpora... Assim, assume-se a ideia de “teoria e prática como parte de um único fazer” (Simas & Rufino, 2018, p. 26), onde não há saber que não seja praticado e onde não há fazer que não seja também conhecimento.

A “epistemologia das macumbas” nos convoca para a lógica da invenção, e isto ocorre porque o orixá Exu está presente. Senhor das encruzilhadas, dos caminhos e das ruas, Exu surge como catalizador e “princípio dinâmico e fundamental a todo e qualquer ato criativo” (Simas & Rufino, 2018, p. 20). Seja como conceito teórico ou divindade/entidade das religiões de matriz africana no Brasil, Exu representa aqui a possibilidade de transformação radical da vida, frente ao projeto colonial de destruição.

O período colonial brasileiro, marcado pela escravização de povos africanos, deixou marcas negativas e duradouras à população negra do país. Para Simas e Rufino (2018, p. 11), a experiência colonial é a de rompimento, “de despedaçamento cognitivo e identitário” que “produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial”. Com a quebra de vínculos de territorialidade, sociabilidade e espiritualidade promovida na travessia do Atlântico, pessoas escravizadas vindas ao Brasil (assim como seus descendentes) tiveram que reinventar a si e ao mundo em uma encruzilhada, vista pelos autores não como fim de linha, mas como campo de possibilidades.

Nesse contexto, é possível dizer que a realidade da PSR, composta em grande parte por pessoas negras, traz ecos do processo colonial, tanto pelas cicatrizes históricas decorrentes desse período quanto pelas próprias produções de vida engendradas por ela enquanto grupo excluído. Os relatos publicados no Censo da População de Rua de Belo Horizonte, de 2022, parecem mostrar que a PSR pratica as encruzilhadas das ruas como território do possível: “As narrativas de vida nas ruas revelam muito sobre processos de violação e exclusão, mas também apontam para resistências, reinvenções do cotidiano e para a possibilidade de vislumbrar outros modos de vida possíveis frente às dificuldades” (Garcia et al., 2023, p. 200).

As ruas, as encruzilhadas, as rodas “são expressões do caráter inventivo e das sabedorias das populações afetadas pela experiência da dispersão e do não retorno” (Simas & Rufino, 2018, p. 42). Assim, pedimos licença a Exu e saudamos a rua como territórios de histórias, afetos, encontros e reencontros, a rua como “espaço poderoso de práticas culturais, a rua das possibilidades exusíacas” (Simas & Rufino, 2018, p. 77).

E assim, chegamos à roda do POP Samba. Instrumentos postos nas mesas, cadeiras em círculo, um vem daqui, outros vêm de lá a convite de alguém que já havia participado da edição passada. Um acorde de violão soa baixo procurando a afinação, o pandeiro explode nos ouvidos de quem passa. Alguém puxa uma sequência de Dona Ivone Lara para aquecer e daí tudo pode acontecer...

Na roda, possibilidades de invenção entram em jogo. Saberes e modos de existência são postos em disputa, mas são vivenciados em uma pulsação coletiva. A energia circula em diferentes intensidades, costurada por toques de tambor, agogôs, pandeiro e outras percussões. O repertório individual de cada participante começa a circular na roda. Por mais desconhecida que uma música pareça ser, alguém sempre consegue cantar junto, nem que seja um trecho.

A roda dá um pertencimento àquilo que não tem lugar. Cantar junto é sustentar junto a história de vida de alguém. Pagodes clássicos, sambas-enredo e sambas de partido-alto que falam da malandragem, da rua, dos amores e dores da vida. Versos de Zeca Pagodinho, Jovelina Pérola Negra, Jorge Aragão, Raça Negra e outros bambas que criam o chão onde se pisa. Identidades sonoras marcadas por histórias de vida singulares, mas que compartilham vivências em comum (Arndt, Cunha & Volpi, 2016).

De acordo com a Musicoterapia Social e Comunitária (Arndt & Maheirie, 2019), abordagem na qual nos baseamos no presente artigo, o fazer clínico busca ir além da visão individualista, hierarquizada. Logo, estar na roda de samba na rua rompe com o *setting* tradicional, levando em consideração a comunidade e os determinantes sociais que atravessam a população com a qual se trabalha. Essa Musicoterapia tem o intuito de incluir as sonoridades feitas pelos sujeitos envolvidos fazendo-os ressoar de forma a serem escutados sob novas perspectivas das que, em geral, são postas socialmente. Assim, visa não somente a garantia de direitos, mas também que os sujeitos em questão

sejam os principais agentes de sua própria história, que, na roda, é contada a partir do repertório que eles mesmos escolhem.

Nessa direção, compreendemos que uma ação era essencial: realizar uma anamnese musicoterapêutica com os usuários, por meio de uma ficha de cadastro. Entre as perguntas que fazemos, estão: “Você toca algum instrumento ou canta? Qual(is) instrumento(s)?” e “Quais músicas/artistas você gosta de ouvir?”. A partir delas, a conversa pode ir para diversos caminhos: da relação que a pessoa tem com a música até suas histórias de vida, suas memórias afetivas e seu cotidiano. São questões disparadoras para o início de um vínculo.

O intuito da ficha musicoterápica é ir além da realização de um cadastramento burocrático ou de uma intervenção biomédica, como tantas vezes são feitos pelos serviços de saúde e assistência social. A diferença é que o modo como as realizamos tem como perspectiva um tempo outro, que se preocupa não só com a obtenção dos dados, mas também com o que as pessoas trazem de subjetivo a partir do que nos é contado. Informações objetivas são importantes, claro, mas nosso papel como musicoterapeutas tem outra função — a de promover uma escuta clínica.

Dessa forma, a Musicoterapia Social e Comunitária se contrapõe a práticas de musicoterapia centradas no modelo biomédico e defende que “a construção do conhecimento e a concepção da prática se dá em uma construção dialógica, participativa, a partir da experiência das pessoas, de suas percepções, suas histórias, suas produções” (Arndt & Maheirie, 2019, p. 65).

Certa vez, uma das estagiárias de musicoterapia do projeto, ao perguntar a uma pessoa sobre os artistas dos quais ela gostava, ouviu como resposta: “Nossa, nunca ninguém tinha me perguntado isso antes!”, seguida de um sorriso. Com esse tipo de pergunta, leva-se em conta as subjetividades do outro. Em meio a uma realidade de intensa exclusão social e de apagamento de identidades vivida por essas pessoas, se interessar pelo que elas têm a expressar é um ato clínico de grande potência.

A roda se constitui, portanto, em um campo para a produção de expressões singulares de cada um, ao mesmo tempo em que é onde as diferenças se encontram em circularidade. Ela se configura como um espaço musicoterapêutico, que, para Arndt, Cunha e Volpi (2016,

p. 392) é construído a partir de relações que são “próprias da prática musical: a produção de sonoridades, mais as relações interpessoais que ocorrem entre os participantes”.

Embora este seja um fenômeno inerente a qualquer atividade musicoterapêutica, as autoras destacam que a musicoterapia de base social e comunitária se preocupa com a qualidade, com o modo como essas relações são construídas (Arndt & Maheirie, 2019, p. 65). No caso da roda, o campo relacional se dá em um fazer musical coletivo. Ela permite que cada um faça parte dela a seu modo: “cada um é a possibilidade de sermos Roda” (Arndt & Maheirie, 2017, p. 446).

Ao passo que “o fazer música em roda abre a possibilidade de participações periféricas” (Arndt & Maheirie, 2017, p. 446), na roda do POP Samba há diversos exemplos dos impactos na comunidade ao redor: transeuntes sentando-se para participar, pessoas filmando de suas janelas, trabalhadores da região se aproximando. Se em “A Banda” Chico Buarque cantou esse sentimento de contágio produzido pela música nas ruas, aqui, vemos que a roda exerce papel semelhante. Ela é uma espécie de suspensão do tempo, um lugar de encontro, que dá forças para quem dela participa se manter em movimento, mesmo com todas as dificuldades. Ao adotar a roda de samba como dispositivo clínico, o trabalho da musicoterapia pode promover um continente sonoro, que gera segurança, enraizamento e convida para a relação com os outros.

A solidão é, inclusive, um sentimento frequentemente relatado por pessoas em situação de rua (Garcia et al., 2023). Nessa direção, um dos objetivos do POP Samba é também fortalecer os vínculos sociais entre os participantes, criar redes de apoio menos violentas e conflituosas. Após uma das edições, a equipe do CREAS relatou que dois grupos que circulam na praça e não conviviam muito bem entre si passaram a ter uma melhor relação (ainda que temporária) a partir das rodas regulares do projeto. Em outra ocasião, a equipe do serviço levou um bolo para comemorar o aniversário de um usuário, que foi celebrado com alegria e entusiasmo pelos colegas da roda. É, acho que estamos no caminho...

Desafios

Por ser uma iniciativa inovadora, o POP Samba enfrenta diversos desafios: a dificuldade de compreensão das equipes sobre este trabalho, o sucateamento do SUS, a

terceirização da saúde pública e uma conjuntura política que anda na contramão do que se preconiza como cuidado em liberdade.

Por mais que tenhamos escolhido e pactuado, coletivamente, o samba como modelo de cuidado, na prática, nota-se uma atitude passiva e questionadora de grande parte dos profissionais envolvidos na ação. Isso reflete uma perspectiva, comum entre as equipes, de não entender o trabalho com cultura como forma de cuidado em saúde. Frequentemente, alguns profissionais possuem olhares engessados dos protocolos de abordagem, o que prejudica a execução de práticas inovadoras de cuidado, que no POP Samba vão desde a distribuição de lanches até a aproximação e acolhimento dos usuários.

Identificamos que este problema deriva de fatores que vão desde a formação dos profissionais, pautada no modelo biomédico, até as dificuldades de efetivar a reforma psiquiátrica em suas diretrizes fundamentais, como: transformação na cultura para inserção social da loucura, trabalho territorial e protagonismo dos usuários (Amarante & Torre, 2017).

Uma hipótese quanto à resistência dos profissionais em relação ao POP Samba também está relacionada à instabilidade e à precarização dos serviços públicos. Para os trabalhadores que já precisam responder a demandas excessivas no cotidiano do serviço, o ato de participar de ações inovadoras é lido como uma demanda extra de trabalho, em detrimento de outras atividades consideradas mais essenciais e pelas quais as equipes são cobradas. Como consequência, surge a necessidade de repactuar mensalmente os direcionamentos de trabalho, o que não se dá sem desgaste. Neste sentido, fazer reforma psiquiátrica é um grande desafio, pois é necessário que iniciativas como o POP Samba sejam vistas em pé de igualdade com outras.

Ainda em relação aos desafios relacionados às equipes, as más condições de trabalho promoveram também uma grande rotatividade de profissionais, o que prejudicou a continuidade de algumas ações e o vínculo criado com os usuários.

A estes desafios, soma-se uma questão mais ampla, que diz respeito à política de saúde e assistência social vigente nos dias atuais, que volta a se afinar com práticas manicomialis e excludentes. Um exemplo é a franca expansão das comunidades terapêuticas pelo país, instituições frequentemente ligadas a grupos religiosos, que adotam princípios moralistas e conservadores no tratamento da dependência química e do sofrimento psíquico, além de isolar o usuário do seu território. O apoio da classe

política e de parte significativa da população tem fortalecido esse tipo de iniciativa (Amarante & Torre, 2017, p. 770). Por isso, a reforma psiquiátrica é uma luta cotidiana para fazer frente às ameaças no retrocesso do cuidado às populações marginalizadas.

Na esfera da cidade do Rio de Janeiro, adotou-se uma diretriz que busca ressocializar o sujeito dependente químico e/ou em situação de rua através da sua reinserção no mercado de trabalho. O Programa Seguir Em Frente (Prefeitura Rio, 2023), lançado pela Prefeitura do Rio em 2023, é o maior exemplo dessa política. Contudo, uma das grandes preocupações a respeito do programa é o risco de manicomialização e institucionalização dos usuários, tendo em vista o alto número de pessoas (em torno de 500) concentradas em uma só unidade de acolhimento criada para o projeto, além da desarticulação do trabalho no território e em rede feito pelos serviços de atenção psicossocial e assistência social (Rio TV Câmara, 2024).

Resultados e Discussões

Em quase dois anos do POP Samba, apesar dos diversos obstáculos mencionados anteriormente, também foi possível verificar efeitos importantes deste trabalho. Em primeiro lugar, a sustentação de uma agenda regular entre tantos serviços, sobretudo de uma ação que envolve o deslocamento para o território. Isto é um ponto de resistência importante, pois, na vivência cotidiana dos serviços, verifica-se a tendência de muitas ações se perderem por conta da sobrecarga de outras demandas, como já exposto anteriormente. Tal regularidade foi importante para a manutenção da confiança e o estabelecimento do vínculo com os usuários. A adesão deles ao projeto pôde ser observada pela assiduidade nas ações mensais e pela expectativa que demonstravam pelas edições seguintes.

Também estabelecemos diálogos na academia e na área da musicoterapia do RJ, com a abertura do campo de estágio em ação social para os estudantes do curso de Musicoterapia da UFRJ. O POP Samba também recebeu convites para participar de eventos na universidade, como o “I Seminário Nacional de Saúde Mental”, realizado no Instituto de Neurologia Deolindo Couto (UFRJ) e o “XXXVIII Fórum de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro. Musicoterapia, Equidade e Justiça Social:

Vulnerabilidades e Invisibilidades”, promovido pela AMT-RJ (Associação de Musicoterapia do Estado do RJ) no Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB).

Através do perfil oficial do projeto no Instagram (@popsamba), importante meio para divulgação das nossas ações, profissionais de saúde e assistência social de outras áreas do RJ e de outros estados foram impactados. O POP Samba recebeu, ainda, a atenção da imprensa, com matérias na CBN, O Globo (Programa da subprefeitura da zona sul, 2023) e RJTV, na Rede Globo (RJ2, 2024). Esta última trouxe um grande reconhecimento para o projeto junto à sociedade civil e às instituições e secretarias municipais envolvidas.

Notamos também a aproximação ou a retomada do vínculo dos participantes com algumas instituições nas quais faziam acompanhamento, como o CAPS AD. A partir daí, foi possível iniciar um cuidado compartilhado, ainda que sua continuidade esteja prejudicada pelos obstáculos já expostos.

O POP Samba adota a direção de que os próprios usuários protagonizem a roda. Ao longo das edições, os percebemos cada vez mais à vontade para escolher o repertório (com frequentes temáticas que perpassam o seu cotidiano), tocar os instrumentos, cantar e dançar. Ao mesmo tempo, os profissionais puderam cada vez mais ocupar um lugar de sustentação e mediação durante a roda, acolhendo e convidando os usuários.

Ao considerar que o projeto se insere no movimento da reforma psiquiátrica, buscamos a “construção de um novo ‘lugar social’ para a loucura, no qual os protagonistas não se identificam pelo diagnóstico psiquiátrico ou psicopatológico, mas sim pela afirmação de direitos de cidadania e construção de possibilidades de reprodução social” (Amarante & Torre, 2017, p. 764). Nesta perspectiva, as iniciativas artístico-culturais do processo da reforma são de grande potência para a transformação do paradigma social da loucura (Amarante & Torre, 2017, p. 764).

Considerações Finais

O cenário atual da política em saúde mental prevê as comunidades terapêuticas enquanto locais de tratamento de dependência química e do sofrimento psíquico. Além disso, a lógica neoliberal de privatização tem guiado a política pública em saúde, com o fortalecimento das OS's, reforçando o aumento de modelos de intervenção que vão contra a lógica da reforma sanitária e psiquiátrica brasileiras.

Com isto, vemos como a realidade dos CAPS é constantemente ameaçada. Manter um trabalho pautado na reforma é um grande desafio diante do cenário de uma política que sofre constantes ameaças para seguir existindo. Por isso, consideramos um grande êxito inventar e realizar um projeto como o POP Samba. Criamos um trabalho em rede, no território, que contou com o compromisso intenso da área de atenção psicossocial, o que evidencia o CAPS como ordenador da rede, como uma máquina disparadora de invenções de cuidado.

Como evidenciamos ao longo deste trabalho, a história do samba se aproxima da luta antimanicomial no sentido de ser uma produção de resistência e enfrentamento diante das marcas de colonização e manicomialização. À luz da “epistemologia das macumbas”, defendemos que as práticas culturais originadas a partir da diáspora africana promoveram formas de encarar o mundo que subvertem o saber hegemônico do ocidente, característico de uma forma de poder que fala por e sobre o outro sem considerar as perspectivas do mundo do outro.

Neste sentido, o especialista, aquele que detém o saber científico, é quem sabe sobre o louco, as pessoas que fazem uso abusivo de drogas, as pessoas que estão em situação de rua etc. Na mesma linha, a Musicoterapia Social e Comunitária se coloca como abordagem que tensiona a lógica de poder hierárquico que nega todo tipo de conhecimento que advém dos sujeitos subalternizados, propondo um fazer coletivo que envolve os determinantes sociais que atravessam essa população, trabalhando junto com ela e experimentando, em seu próprio território, formas de inventar um viver possível.

Diante disso, queremos reforçar a importância de que a clínica musicoterápica deve ser política e pautada sobre pilares de uma ética da liberdade e da garantia de direitos do paciente. Com este trabalho, pretendemos registrar e impulsionar questionamentos em espaços como a academia, fóruns de saúde mental, congressos etc., para que, cada vez mais, se fale sobre a pauta da PSR e se fomentem políticas públicas que assegurem os direitos desta população. Por fim, esperamos inspirar a criação de mais modelos de cuidado que contemplem a união entre arte e saúde, sobretudo a populações marginalizadas.

Referências

- Amarante, P., & Torre, E. H. G. (2017). Loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da reforma psiquiátrica e do campo da saúde mental no Brasil. *Interface (Botucatu)*, 21(63), 763–774. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0881>
- Arndt, A. D., Cunha, R., & Volpi, S. (2016). Aspectos da prática musicoterapêutica: contexto social. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 387–395. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p387>
- Arndt, A. D. & Maheire, K. (2017). A música como mediadora de encontros em um CRAS. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 439–452. http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2452
- Arndt, A. D. & Maheire, K. (2019). Musicoterapia: dos fazeres biomédicos aos saberes sócio comunitários. *Revista Polis e Psique*, 9(1), 54–71. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-152X2019000100004
- Belo Horizonte. (2021). *Portaria SMASAC nº 139, de 06 de outubro de 2021*. <https://dom-web.pbh.gov.br/visualizacao/ato/3403>
- Brasil. (2009). *Decreto-lei nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009*. <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/bitstream/123456789/1032/1/Decreto%20n%c2%ba%207053.html>
- Correia, B. (2023, abril 14). *Número de pessoas em situação de rua no Rio aumentou; maioria é preta ou parda e possui baixa escolaridade*. G1. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/14/numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-no-rio-aumentou-maioria-e-preta-ou-parda-e-possui-baixa-escolaridade.ghtml>
- Cunha, R. (2003). *Jovens no espaço interativo da musicoterapia: o que objetivam por meio da linguagem musical*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPR. <https://hdl.handle.net/1884/61750>
- França, C. (2021, dezembro 4). *Na cadência do samba com a população de rua*. Rede Lume. <https://redelume.com.br/2021/12/04/na-cadencia-do-samba-com-a-populacao-de-rua/>
- Garcia, F. D., Neves, M. C. L., Santos, M. C., Abreu, M. N. S. & Barbieri, A. F. (2023). *IV censo de população em situação de rua de Belo Horizonte: BH+Inclusão*. Itrium Consultoria, Pesquisa, Treinamento e Edição em Saúde. https://www.medicina.ufmg.br/wp-content/uploads/sites/7/2024/06/IV-Censo-de-Populacao-em-Situacao-de-Rua-de-Belo-Horizonte-2022_DIGITAL.pdf

- Martinho da Vila. (1985). Ciranda de Roda [Canção]. Em *Criações e Recriações* (Álbum). RCA Records Label.
- Oliveira, A. S. (2022). A cosmopercepção da circularidade africana: imaginários do pensamento rodante. In: Anais do 31º encontro anual da COMPÓS. <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/a-cosmopercepcao-da-circularidade-africana-imaginarios-do-pensamento-rodante?lang=pt-br>
- Paiva, I. K. S., Saraiva, A. K. M., Miranda, M. G. O., Justino, J. M. & Lira, C. D. G. (2015). Direito À Saúde Da População Em Situação De Rua: Reflexões Sobre A Problemática. *Ciência & Saúde Coletiva* 21(8). <https://doi.org/10.1590/1413-81232015218.06892015>
- Pinto, M. C. O. (2007). *Processos de subjetivação na música e na clínica em musicoterapia*. Tese (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Base Minerva. <http://objdig.ufrj.br/30/teses/MarlyChagasOliveiraPinto.pdf>
- Polos de Cidadania UFMG [@polosdecidadania]. (2025, janeiro 10). *Confirma o levantamento realizado pelo "Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (OBPopRua/POLOS-UFMG)" com [Fotografia]*. Instagram. https://www.instagram.com/p/DEqDywbST7s/?img_index=1
- Programa da subprefeitura da zona sul que oferece serviços para a população começa hoje, pelo Largo do Machado. (2023, agosto 23). *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/zona-sul/noticia/2023/08/23/programa-da-prefeitura-que-oferece-servicos-para-a-populacao-comeca-hoje-pelo-largo-do-machado.ghtml>
- Prefeitura Petrópolis. (2021, março 17). *Projeto musical da Secretaria de Assistência Social ajuda pessoas em situação de rua*. <https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/noticias/item/16489-projeto-musical-da-secretaria-de-assist%C3%Aancia-social-ajuda-pessoas-em-situa%C3%A7%C3%A3o-de-rua>
- Prefeitura Rio. (2023, dezembro 21). *Programa Seguir em Frente: Rio anuncia plano de assistência para pessoas em situação de rua*. <https://prefeitura.rio/saude/programa-seguir-em-frente-rio-anuncia-plano-de-assistencia-para-pessoas-em-situacao-de-rua/>
- Rio TV Câmara. (2024, março 14). *Audiência Pública para debater a política de atendimento do programa "Seguir em Frente" - 14.03.2024* [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=2-77kBe_N8w
- RJ2 - edição de 19/06/2024. (2024, junho 19). *G1*. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/edicao-de-19062024-12691485.ghtml>

Simas, L. A., & Rufino, L. (2018). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*.Mórula.

Terça Afro. (2020, maio 26). *Cosmologia bantu*[Video]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=z3NJOOC-8VY&t=1656s>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non Commercial-Share Alike 4.0 International License.